

SONITU ORGANI: PARA UMA HISTÓRIA DA DISCOGRAFIA DA MÚSICA ANTIGA DE ÓRGÃO EM PORTUGAL

Tiago Hora

(Universidade NOVA de Lisboa)

Ao longo da segunda metade do século XX e do início do século XXI a produção discográfica de música antiga em Portugal foi alvo de diversas iniciativas que resultaram numa dinamização e solidificação do mercado do registo fonográfico. Dentro deste nicho muito particular no seio da música erudita, o repertório para órgão assume um lugar bem identificado, através de dezenas de edições que refletem, não apenas o som da grande variedade de instrumentos que compõem o mapa organístico português, mas também diferentes abordagens estéticas interpretativas, diferentes modelos de produção e edição, diferentes contextos históricos. O som dos órgãos portugueses registado nas últimas 5 décadas ultrapassa o mero papel de reflexo de um património monumental, para se tornar um *corpus* identitário de um património imaterial. Ao longo do último meio século assistimos a diferentes momentos fulcrais na história da indústria fonográfica e na disseminação de estéticas interpretativas, às quais o universo da música antiga não ficou alheio. Essas transformações refletem-se nos modelos interpretativos, na produção discográfica e no produto final artístico. “Sonitu organi: para uma história da discografia da música antiga de órgão em Portugal” visa traçar um panorama do *corpus* histórico acima enunciado, refletindo sinais dos tempos, através do som dos órgãos no passado e presente, numa perspetiva historiográfica de contributo para o conhecimento futuro.

Palavras-chave: discografia, música antiga, órgão, Portugal, gravação.

O aparecimento do registo fonográfico no final do século XIX e a sua proliferação massiva ao longo do século XX resultou numa mudança significativa de paradigma no meio musical. O intérprete do século XX assumiu uma preponderância muitas vezes superior ao compositor seu contemporâneo, sendo o registo fonográfico um dos principais elementos responsáveis para esse facto. Ao longo dos últimos anos as fontes fonográficas têm vindo a assumir uma preponderância cada vez maior no panorama da investigação em ciências musicais, nomeadamente em 2 campos principais: os estudos sobre interpretação musical; os estudos sobre indústria, mercado e produção/edição fonográfica. Têm surgido diversos trabalhos científicos sobre este tipo de fontes, integrando o registo fonográfico como um elemento basilar para o estudo da música e da vida musical dos séculos XX e XXI.

A produção discográfica de Música Antiga em Portugal (considerando a música composta até ao final do Antigo Regime - 1834), resulta num *corpus* de edições que se situam cronologicamente nos últimos 50 anos. Ao longo desta trajetória, entre 1966 e 2015, a produção discográfica de música antiga assume-se como um contexto próprio no seio da indústria fonográfica de música erudita em Portugal. Este mercado específico de música antiga foi alvo de iniciativas de natureza diversa, num contexto em progressiva alteração, que resultaram numa dinamização e solidificação desse mercado do registo fonográfico. Impulsionado por um movimento que emergiu durante a década de 1960, este processo permitiu que se produzissem documentos fonográficos que contribuíram para o estudo e desenvolvimento da cultura musical em Portugal. Os estudos sobre a discografia e sobre o movimento da música antiga em Portugal são indissociáveis, uma vez que os discos veicularam em grande medida esse mesmo movimento, sendo que estes dois fenómenos tiveram uma proliferação marcante na mesma época e beneficiaram um do outro. Na verdade, se considerarmos que estamos perante uma estética interpretativa que se baseou também, em certa medida, num ideal sonoro, a edição fonográfica foi o meio mais eficaz para a materialização desse mesmo ideal e do mercado suscitado.

A música para órgão assume aqui um papel importante, nomeadamente por se tratar de um *corpus* significativo no seio da discográfica de música antiga em Portugal. Consiste em aproximadamente $\frac{1}{4}$ da produção discográfica (mais concretamente 23%), um total de 58 edições exclusivamente (ou com uma forte predominância) de música para órgão, num universo de 256 edições de música antiga produzidas em Portugal ao longo das 5 décadas em estudo.

O contexto em que surgem as primeiras edições consiste numa fase inicial da produção discográfica de música antiga em Portugal, que podemos delimitar entre os anos de 1966 e 1974, marcada essencialmente por um modelo de produção nacional, estando a edição a cargo de grandes companhias estrangeiras. Neste modelo destaca-se a coleção discográfica *Portugaliae Musica* (entre 1966 e 1971), iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) em 2 séries - a primeira em 9 volumes pela Philips, a segunda em 5 volumes editados pela Archiv Produktion. Esta coleção registou pela primeira vez uma série de obras que vinham sendo paralelamente editadas em partitura numa coleção homónima pela FCG, num trabalho de fundo sem precedentes, em torno da edição,

registo e divulgação do repertório musical histórico português. Nesta coleção contam-se 3 edições exclusivamente dedicadas a repertório de música para órgão de compositores lusitanos, com interpretações a cargo de artistas internacionais, gravadas em instrumentos portugueses. As primeiras 2 edições remontam a 1967 e consistem em gravações no órgão da Igreja de São Vicente de Fora (Lisboa), com interpretações de Geraint Jones¹ e Pierre Cochereau² – o primeiro com música de diversos compositores do século XVI ao XVIII, o segundo dedicado a música de Carlos Seixas (1704-1742). Surge ainda na coleção *Portugaliae Musica* um terceiro LP, por Montserrat Torrent, no órgão da Sé Catedral de Évora, *Orgelwerke des 16. Jahrhunderts*³, lançado no mercado em 1971, com música de António Carreira (c.1530-c.1594), Manuel Rodrigues Coelho (1555-1635) e Heliodoro de Paiva (1502-1552).

Regista-se também neste período inicial um número diminuto de edições de repertório “antigo” em que a produção estava a cargo da Valentim de Carvalho (VC)⁴, sendo a edição comercial feita por etiquetas internacionais. É neste modelo que se inserem 2 edições fonográficas de música para órgão que, a par com os 3 discos da coleção *Portugaliae Musica* anteriormente mencionados, formam o núcleo de registos discográficos deste âmbito nesse período entre 1966 e 1974. Estas 2 edições, inseridas na etiqueta Columbia Records, consistem em gravações pelo organista Antoine Sibertin-Blanc (1930-2012)⁵ em torno da obra *Flores de Música* de M. Rodrigues Coelho, nos órgãos da Sé Patriarcal de Lisboa (1968)⁶ e da Igreja da Pena (1970)⁷.

¹ Geraint Jones: *Musique Portugaise pour Orgue* (Portugaliae Musica/Philips, 1967, 835.772 LY), LP.

² Carlos Seixas (1704-1742): *Pierre Cochereau aux grandes orgues barroques de Saint-Vincent de Lisbonne* (Portugaliae Musica/Philips, 1967, 835.788), LP.

³ Montserrat Torrent: *Orgelwerke des 16. Jahrhunderts* (Portugaliae Musica/Archiv Produktion, 1971, 2533 069), LP.

⁴ Fundada em 1914 por Valentim Pereira Botelho de Carvalho, foi inicialmente uma empresa de comercialização e edição de partituras, venda de instrumentos musicais, fonogramas, entre outros artigos musicais. Em 1931 passou a representar editoras internacionais de relevo como a Columbia e a EMI. Tornou-se uma das editoras, produtoras e distribuidoras discográficas mais importantes em Portugal ao longo do século XX.

⁵ Radicado em Portugal desde 1961, organista titular da Sé Catedral de Lisboa e importante professor de órgão do Instituto Gregoriano de Lisboa, e posteriormente da Escola Superior de Música de Lisboa, impulsionador da tradição organística portuguesa da segunda metade do século XX.

⁶ Antoine Sibertin-Blanc: *Kyrie, excertos de Flores de Música de Manuel Rodrigues Coelho* (Columbia/Valentim de Carvalho, 1968, SPMS 5009), LP.

⁷ A. Sibertin-Blanc: *Flores de Música, Manuel Rodrigues Coelho – Órgão da Igreja da Pena* (Columbia/Valentim de Carvalho, 1970, 8E 061-40010), LP.

Estes primeiros discos enquadram-se numa fase muito embrionária das tendências da interpretação com base em premissas históricas que estavam já a despontar na Europa, nomeadamente com as ações pioneiras de N. Harnoncourt (1929-2016) e G. Leohardt (1928-2012), entre outros. Em Portugal esse mesmo movimento da “nova” música antiga surge definitivamente na década de 1970. É neste período que emerge um conjunto de novos artistas entre os quais se destacam, no caso do órgão, Joaquim Simões da Hora (1941-1996)⁸, Gerhard Doderer e Isabel Ferrão. Assim, entre 1974 e 1987 assistimos a um período de afirmação de uma geração pioneira de intérpretes integrados nesse movimento estético-interpretativo, sendo facilmente constatáveis as influências da discografia internacional, tanto do ponto de vista da prática interpretativa como do ideal sonoro. Este é um momento fundamental no decurso da discografia portuguesa, que podemos identificar como uma segunda fase na história da produção discográfica de música antiga em Portugal, mas que se configura também como um primeiro momento de produção e edição totalmente nacionais. Esta é uma fase marcada pela iniciativa estatal da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, como alavanca para possibilitar muitos projetos, verificando-se um predomínio das edições da VC, com destaque para os primeiros discos dos Segréis de Lisboa⁹ e a coleção *Lusitana Musica*. Esta última, com direção artística de Gerhard Doderer e direção de produção de Joaquim Simões da Hora (produtor das edições de música clássica da VC entre 1974 e 1987), consistiu na primeira coleção discográfica dedicada à música portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII, com um aparato e qualidade editorial, artística e técnica sem precedentes no mercado português.

um projecto que ultrapassa de forma assumida o estatuto de mera série discográfica, marcando a história através do impacto significativo que teve em muitas outras áreas, desde a divulgação do património organológico, passando pela recuperação do mesmo e

⁸ Joaquim Simões da Hora foi o mais destacado organista português do século XX, pioneiro na interpretação de música antiga para órgão dentro dos modelos da interpretação historicamente informada, com uma intensa atividade em Portugal e no estrangeiro. Foi professor do Conservatório Nacional entre 1977 e 1994, onde foi responsável pela formação de uma nova tradição no ensino de órgão em Portugal, sendo também um dos principais dinamizadores da vida musical portuguesa no último quartel do século XX, nomeadamente como produtor discográfico de grande parte das edições de música clássica levadas a cabo em Portugal no seu tempo.

⁹ Fundados em 1972 por Manuel Morais, os Segréis de Lisboa constituíram-se como o principal agrupamento português de música antiga dos últimos 40 anos, integrado no movimento da “nova” música antiga assente numa abordagem com base em técnicas e instrumentos históricos. Os Segréis de Lisboa foram responsáveis por uma discografia riquíssima, com um papel decisivo no decurso do contexto da música antiga em Portugal, com uma intensa atividade concertística a nível nacional e internacional.

impulsionando novas tendências interpretativas, num espírito pedagógico e lúdico alicerçado pelos progressos na musicologia portuguesa da época. [...] *Lusitana Música* permitiu dar um seguimento prático eficaz à produção científica da musicologia em Portugal, nomeadamente no que diz respeito às edições críticas que tinham lugar de forma crescente, onde se destacam as publicações de partituras da coleção *Portugaliae Música* da Fundação Calouste Gulbenkian. No entanto, é bem mais alargado o campo de intervenção destas edições, destacando-se como uma imagem de marca as notas ao repertório e instrumentos (edições em português, alemão e inglês), a riqueza de iconografia - uma preocupação premente desde as escolhas de capas, passando pelas reproduções fotográficas das fontes manuscritas originais, bem como do instrumentário em questão¹⁰.



Lusitana Musica: O Órgão da Sé Catedral de Évora (J. S. Hora, 1975); O Órgão da Sé Catedral de Faro (I. Ferrão, 1975); Carlos Seixas (1704-1742): Sonatas para Órgão (G. Doderer, 1980).

Esta coleção resultou num total de 12 volumes, entre 1975 e 1985, onde se inclui a principal discografia para órgão deste período, contando um total de 6 LP exclusivamente dedicados a música para órgão, ao cargo de Isabel Ferrão¹¹, Gerhard Doderer¹² e J. Simões da Hora¹³. Até ao final da década de 1980, apenas se regista um outro disco integralmente dedicado à música para órgão, ao cargo de Bernard Brauchli,

¹⁰ Tiago Manuel da Hora: “Lusitana Musica: clássicos da discografia portuguesa – Pioneira e Intemporal: A primeira coleção discográfica de música antiga em Portugal”, *Glosas*, 12, 2015, p.92.

¹¹ Isabel Ferrão: *O Órgão da Sé Catedral de Faro*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1975, 8E 065 40390), LP.

¹² Gerhard Doderer: *O Órgão da Capela da Universidade de Coimbra*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1977, 11C073-41393) LP; G. Doderer: *Carlos Seixas (1704-1742): Sonatas para Órgão*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1980, 11 CO 75-40567), LP.

¹³ Joaquim Simões da Hora: *O Órgão da Sé Catedral de Évora*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1975, 1403911), LP; J. Simões da Hora: *O Órgão de Santa Maria de Óbidos*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1981, 11 CO 75-40566), LP; J. Simões da Hora: *O Órgão da Sé Catedral do Porto*, Lusitana Música (Valentim de Carvalho/A Voz do Dono, 1985, HMV 7497301), LP.

no órgão da Sé de Évora, que viria a ser editado pela Titanic Records¹⁴ (etiqueta Americana). Assim, os discos de música de órgão da coleção *Lusitana Musica* assumem o núcleo principal do que foi gravado e editado em Portugal entre a segunda metade da década de 1970 e a seguinte, tornando-se o contributo decisivo para a difusão de um novo paradigma, alinhado com o movimento da interpretação com base em técnicas e instrumentos históricos, que viria a desenvolver-se ainda mais nas décadas seguintes.

Até ao final da década de 1980 contam-se 12 edições exclusivamente de música antiga para órgão. Junta-se-lhes um número reduzido de outras 3 edições que contemplam parcialmente repertório para órgão solo o que, em cerca de 20 anos de produção discográfica (1966-1987), perfaz menos de metade do total da discografia de música para órgão em estudo (58 edições). Desde os últimos anos da década de 1980 até ao final do século XX encontramos um paradigma bem diferente. Nesta fase dá-se um evidente crescimento da iniciativa privada, um panorama reforçado pela criação da Lei do Mecenato, em 1986, que “independentemente dos seus resultados financeiros, seria uma peça fundamental na modificação do conceito de cultura, do relacionamento do Estado com ela, da hierarquia dos produtos culturais”¹⁵. Por força desta mudança de paradigma, “na passagem da década de 1980 para a de 1990, começaram a fazer-se sentir, também no domínio da cultura, as influências da ideologia neoliberal [...] cuja promoção resultou da articulação de iniciativas do Estado central e local, envolvendo formas diversas de cooperação entre agentes públicos e privados”¹⁶. Esta multiplicação de formas de investimento, sustentada por um novo quadro nas políticas culturais reflete-se na indústria discográfica, resultando em cerca de uma década em que o apoio privado aumenta significativamente (bancos, seguradoras, companhias petrolíferas, marcas de automóveis, etc.), assim como as variáveis de financiamento, e refletindo-se este panorama num crescimento assinalável na quantidade de novos títulos por diversas editoras, contrariando a anterior hegemonia da VC. Em contraposição sobressaem as edições da Philips/Polygram, da Movieplay Classics e a Numérica, de menor dimensão

¹⁴ Bernard Brauchli: *The Iberian Organ, vol. II: The Organ of Évora Cathedral* (Titanic Records, 1986, Ti-154), LP.

¹⁵ António Reis (coord.): *20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 478.

¹⁶ Paula Abreu: *A Música entre a Arte, a Indústria e o Mercado: um estudo sobre a indústria fonográfica em Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2010 (Tese de Doutoramento), p. 326. Cf. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13832/1/Tese%20Paula%20Abreu%202010.pdf> (Consultado a 27/03/16).

empresarial, mas que acabaria por ter uma longevidade maior que as outras 2 companhias supracitadas. O surgimento do Compact Disc (CD) em 1983 e a rápida proliferação da tecnologia de gravação e reprodução digital no final da mesma década, assumem também um factor de importância capital nesta fase – a implementação estabilizada do CD no mercado português dá-se em meados de 1988.

A década de 1990 foi um ponto de charneira, não apenas através de um novo paradigma e modelos de produção já referidos, mas também pelo facto de se verificar, no caso do órgão, um contexto global de crescimento em torno da cultura do órgão histórico: novas iniciativas de programação; sucessivos restauros; progressiva internacionalização do repertório ibérico; o despontar de uma nova geração de intérpretes sob a orientação de Antoine Sibertin-Blanc e Joaquim Simões da Hora (discípulo de Sibertin-Blanc). Entre essa nova geração de organistas sobressaem 2 nomes fundamentais: Rui Paiva e João Vaz. O primeiro foi o mais destacado discípulo de Simões da Hora, o segundo foi aluno de Sibertin-Blanc, e viria também a trabalhar com Simões da Hora, tanto como aluno, em cursos de aperfeiçoamento, como em outros variadíssimos projetos, como organista e produtor discográfico. Esta ligação, que cria uma linhagem desde Sibertin-Blanc, passando por Simões da Hora e depois para João Vaz e Rui Paiva é um legado fundamental naquilo que se pode chamar a “tradição organística” portuguesa dos últimos 50 anos, e teve um reflexo inquestionável na produção discográfica de música antiga para órgão.

Fruto de um crescente número de restauros, de uma maior disponibilidade de instrumentos em boas condições, bem como de uma crescente consciência patrimonial por parte de produtores e organistas que resultou no aumento do culto da “primeira gravação” desses mesmos órgãos históricos, nesta última década do século XX há um alargamento significativo do leque de instrumentos gravados. Essa tendência de índole patrimonial resulta em 2 coleções exclusivamente dedicadas ao património organístico e um número significativamente mais alargado de edições isoladas. A primeira das coleções foi *Portugaliae Monumenta Organica*¹⁷, com interpretações de João Vaz e Rui Paiva, em 2 séries de 2 CD, editados em 1992 e 1995 pela Philips/Polygram, com gravações nos

¹⁷ João Vaz, Rui Paiva: *Portugaliae Monumenta Organica: Órgãos Históricos de Portugal* (Philips/Polygram, 1992, 512 411-2), 2 CDs; J. Vaz, R. Paiva: *Portugaliae Monumenta Organica II: Órgãos Históricos de Portugal* (Philips/Polygram, 1995, 528 582-2), 2 CDs.

órgãos da Sé de Braga (Evangelho), Basílica de Mafra (Epístola), Sé de Évora, Capela da Universidade de Coimbra, Igreja de São Vicente de Fora e Basílica dos Mártires (Lisboa).

Nesta década de autêntica proliferação de edições é importante salientar que a primeira edição de discografia portuguesa a incluir repertório estrangeiro (não ibérico) foi *Portugaliae Monumenta Organica*. Apesar do repertório não ibérico ser muitas vezes tocado pelos organistas nos seus concertos (comprovável nos programas de concerto de diferentes intérpretes), só a partir desta edição de 1992 é que surge repertório de origem não ibérica. Nestes discos, a par com a música ibérica, encontramos pela primeira vez gravações de música para órgão de J. S. Bach, D. Scarlatti, G. Frescobaldi, J. Pachelbel, N. Lebègue ou J. Stanley. João Vaz e Rui Paiva viriam nos anos seguintes a continuar a gravar muita música de compositores do resto da Europa, dedicando mesmo algumas edições em exclusivo a compositores de origem não ibérica.



Portugaliae Monumenta Organica: Órgãos Históricas de Portugal, João Vaz, Rui Paiva, 1992.

O ano de 1994 foi marcante para a vida organística em Portugal, com o seu ponto culminante no *Ciclo de Órgão*¹⁸ da Lisboa'94 Capital Europeia da Cultura. No seio da Lisboa'94 foi possível inserir um programa de edições discográficas, entre as quais algumas de música de órgão. É o caso de *Batalhas & Meios Registos*¹⁹ de Simões da Hora, editado pela Movieplay Classics, com gravações nos órgãos da Capela da Universidade de Coimbra e na Sé Catedral de Faro – sem dúvida um CD de referência na interpretação de

¹⁸ Este ciclo contou com uma programação alargada entre os meses de Junho e Outubro de 1994, com concertos num vasto número de órgãos, alguns acabados de restaurar. Sob a coordenação artística de Joaquim Simões da Hora, este ciclo foi um ponto de partida para posteriores festivais, com realce para o Festival Internacional de Órgão de Lisboa.

¹⁹ J. Simões da Hora: *Batalhas & Meios Registos* (Movieplay Classics, 1994, MOV 3-11036), CD.

música antiga ibérica para órgão em todo o século XX. No mesmo ano, G. Doderer grava 2 CD para o catálogo da Numérica. O primeiro na Sé de Braga²⁰, dedicado a música de Pedro de Araújo (1610-1684) e Carlos Seixas (1704-1742), e o segundo em 4 órgãos dos Açores em primeira gravação, a edição *Órgãos dos Açores*, com um programa onde o organista alemão incluiu parcialmente música para órgão solo, a par com música sacra interpretada pela Capela Lusitana (agrupamento de música antiga dirigido por Doderer). Ainda no ano de 1994, a EMI Classics reeditou parte da coleção *Lusitana Musica* em versão remasterizada em CD, em 2 títulos que compilam gravações dos 3 discos de Simões da Hora (Évora, Óbidos e Porto) e de Isabel Ferrão (Faro).

Em 1996 a Movieplay Classics lança *Os Mais Belos Órgãos de Portugal*²¹, uma coleção em 3 CD, com interpretações de António Duarte, João Vaz e Rui Paiva, dedicada a 11 órgãos do arquipélago dos Açores, muitos em primeira gravação.

A liderar as edições destas novas etiquetas surgem novamente as figuras de Joaquim Simões da Hora (Movieplay Classics e Philips/Polygram), Gerhard Doderer (Numérica) e ainda João Vaz (Polygram), uma figura central na edição discográfica de música antiga para órgão nos últimos 20 anos.

A produção discográfica de música clássica em Portugal no século XXI tem-se configurado como um quadro *quasi*-anárquico, com uma grande dispersão de modelos de edição e um grande desinvestimento por parte das grandes editoras, chegando mesmo algumas a encerrar ou a optar por eliminar os departamentos de música clássica – o que veio a acontecer com a Polygram e a Movieplay Classics, que tinham liderado o mercado durante a última década do século XX. Surgem assim novas editoras, com destaque para a Portugaler e Capella, criadas em 2002, que se assumiram em determinados momentos como as únicas a editar música antiga de órgão. A Portugaler e a Capella foram um iniciativas fundamentais na recuperação de um modelo editorial rigoroso e com uma forte componente histórica e musicológica, destacando-se a primeira por uma qualidade sem precedentes em Portugal e pautada ao nível das melhores referências do mercado internacional. A Portugaler conta no seu catálogo com 3 títulos de música para órgão, 2 deles exclusivamente dedicados a esse repertório, e que correspondem aos primeiros

²⁰ G. Doderer: *Os Órgãos da Sé de Braga* (Numérica, 1994, NUM 1028), CD.

²¹ António Duarte, J. Vaz, R. Paiva: *Os Mais Belos Órgãos de Portugal* (Movieplay Classics, 1996, MOV 3-11045/A/B/C), 3 CDs.

lançamentos da etiqueta: *Joaquim Simões da Hora: In Memoriam* (2002)²², a edição de um concerto em 1994, no órgão de São Vicente de Fora; *António Carreira: Tentos e Fantasias* (2002)²³, por João Vaz, no órgão da Sé de Évora.



Joaquim Simões da Hora: In Memoriam – São Vicente de Fora, 18.XII.1994, Portugaler, 2002.

Por sua vez, a Capella deu continuidade ao registo de instrumentos em primeiras gravações que tinha sido iniciado em 1994 e 1996 nos arquipélagos portugueses, mas agora nos órgãos da Madeira - um trabalho que o organista e produtor João Vaz já tinha iniciado em 1998 com a gravação de um CD com o soprano Ana Ferraz no órgão da Sé Catedral do Funchal, editado pela Polygram²⁴. Na Capella foram editados 3 CD neste âmbito, sob a chancela da Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Madeira: *Pastorale*²⁵ com interpretações de João Vaz, e a participação de Ana Ferraz e do oboísta Ricardo Lopes; e a série de 2 volumes denominada *Organa Vocis*²⁶, pelos organistas Rui Paiva (1º volume) e António Esteireiro (2º volume). Estas edições registaram pela primeira vez instrumentos que tinham acabado de ser recuperados pelo organeiro Dinarte Machado, resultando, uma vez mais, em trabalhos que suplantavam a mera edição discográfica para se configurarem como autênticos documentos históricos e patrimoniais. A discografia da Portugaler e da Capella (entre 2002 e 2008) contou com a produção de João Vaz, em grande parte das edições, bem como do musicólogo João Pedro

²² J. Simões da Hora: *Joaquim Simões da Hora: In Memoriam – São Vicente de Fora, 18.XII.1994*, (Portugaler, 2002, 2002-2), CD.

²³ J. Vaz: *António Carreira: Tentos & Fantasias* (Portugaler, 2004, 2004-2), CD.

²⁴ J. Vaz, Ana Ferraz: *Música Sacra: o órgão da Sé Catedral do Funchal* (Philips/Polygram, 1998, 538 159-2), CD.

²⁵ J. Vaz, A. Ferraz, Ricardo Lopes: *Pastorale* (Capella, 2002, 1001-2), CD.

²⁶ R. Paiva, Álvaro Pinto, Luís Santos, Filipe Quaresma, Duncan Fox: *Organa Vocis I – Órgãos Históricos*, (Capella, 2005, 2015-2), CD; António Esteireiro: *Organa Vocis II – Órgãos Históricos* (Capella, 2008), CD.

d'Alvarenga, responsável por muitas das notas à margem destas edições, a par com Rui Vieira Nery.

Recentemente, temos assistido a uma grande dispersão, com a convivência de vários modelos de produção discográfica em simultâneo: edições de autor, edições completamente feitas em Portugal e edições produzidas em Portugal mas publicadas em editoras estrangeiras – um exemplo é *Historic Organ (1765) – São Vicente de Fora*²⁷, de João Vaz, gravado e produzido em Portugal em 2006, mas que seria apenas publicado em 2014, pela IFO Classics. Neste contexto diversificado sobressaem, nos últimos 15 anos, editoras de menores dimensões que, na maior parte dos casos, vivem de projeto em projeto, consoante o financiamento disponível (entre concursos promovidos por instituições da alçada do Estado, a par com apoios do foro privado e de natureza variável). Nas edições totalmente realizadas em Portugal, destacam-se alguns títulos isolados, como *Portugal & Itália* de João Vaz e *Dieterich Buxtehude (1637-1707), Órgão da Sé Catedral de Faro*, de Rui Paiva. Ambos foram editados por entidades do foro educativo e cultural, com financiamento do Ministério da Cultura a par com apoio privado de empresas da área bancária. Na presente década temos assistido a um novo fulgor empreendedor, com o surgimento de novas editoras que têm dedicado parte do seu catálogo à música para órgão, como é o caso da Althum, do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (MPMP) e da Arkhé Music. Aqui destaca-se a primeira gravação no órgão do Mosteiro de Arouca, após um exaustivo restauro, que resulta na edição *Música Ibérica dos Séculos XVI e XVII*²⁸, por Rui Paiva (Althum, 2013), bem como a discografia do MPMP, primeiro em 2 discos de uma série dedicada a Carlos Seixas²⁹ - onde se conta a primeira gravação do órgão do Mosteiro de São Bento da Vitória (Porto) - e um CD dedicado a música de *José Marques e Silva*³⁰, em primeiras gravações do repertório e do órgão da Igreja da Misericórdia (Santarém), por João Vaz.

Em 2015 surgiu Arkhé Music, destacando-se desde logo o primeiro CD do seu catálogo, *José Luis Gonzalez Uriol In Lisbon*³¹, uma gravação de 1994 que ficara suspensa

²⁷ J. Vaz: *Historic Organ (1765) – São Vicente de Fora* (IFO Classics, 2014, ORG 7252.2), CD.

²⁸ R. Paiva: *Música Ibérica dos Séculos XVI e XVII* (Althum, 2013, A006), CD.

²⁹ José Carlos Araújo: *Carlos Seixas, Sonatas (II)* (MPMP, 2012), CD; J. Carlos Araújo: *Carlos Seixas, Sonatas (VI)* (MPMP, 2014), CD.

³⁰ Capella Patriarchal, J. Vaz: *Órgãos Históricas de Santarém: Igreja da Misericórdia* (MPMP, 2015), CD.

³¹ José Luis González Uriol: *José Luis González Uriol In Lisbon* (Arkhé Music, 2015, 2015001), CD.

no tempo sem que se fizesse a respectiva edição áudio e comercial, cuja publicação é um bom exemplo de uma nova tendência da discografia em Portugal, em torno da recuperação de gravações por editar, da investigação em torno das mesmas, tornando a edição e todos os conteúdos inerentes um autêntico trabalho de carácter musicológico, artístico e de preservação e divulgação de um património imaterial.



José Luis Gonzalez Uriol In Lisbon, Arkhé Music, 2015.

Além da discografia aqui mencionada, contam-se outras edições de menor circulação, bem como uma quantidade de cerca de 15 edições que contêm música para órgão solo a par com música vocal sacra com acompanhamento de órgão, caso de alguns exemplos descritos e da recente edição *Angels and Mermaids*³², com interpretações do soprano Rosana Orsini e do organista Marco Brescia, que compila não apenas a novidade de primeiras gravações de grande parte do repertório escolhido, bem como um carácter temático em torno do programa do disco que é um tónico marcante da edição discográfica contemporânea.

O percurso histórico que aqui explanei pode ser estruturado em 4 fases fundamentais da indústria de produção discográfica de música antiga em Portugal, identificadas ao longo do presente texto, de acordo com modelos e contextos de produção, as formas de financiamento ou políticas culturais. Ao longo de toda essa trajetória da discografia de órgão predomina o registo de repertório ibérico (66% da produção total), com a música de Carlos Seixas a marcar uma presença constante, bem como uma predileção de determinados organistas por formas específicas peninsulares,

³² Rosana Orsini, Marco Brescia: *Angels and Mermaids: religious music in Oporto and Santiago de Compostela (18th/19th century)* (Arkhé Music, 2016, 2016001), CD.

como é o caso da *Batalha* e do *Tento*. O repertório que foi gravado esteve dependente do que foi sendo produzido em edições críticas pela investigação musicológica. Neste caso podemos afirmar que, em Portugal, a música antiga beneficiou de uma estreita ligação com a produção musicológica, o que potenciou a gravação desse mesmo repertório. Vimos um exemplo na coleção *Portugaliae Musica* (mote para produções seguintes), bem como na interação entre diferentes gerações de destacados intérpretes que foram também os principais produtores discográficos, bem como musicólogos que tomaram parte ativa na produção de diversas edições. Estabelecem-se aqui também linhagens de continuidade, com o exemplo mais evidente na sucessão entre a atividade pioneira de Simões da Hora, que encontra continuidade nos seus discípulos (ex.: Rui Paiva), e um sucessor como organista e produtor, que é João Vaz.

Passado meio século de história torna-se cada vez mais importante registar, estudar e debater este património na perspectiva de fontes históricas, abordagem essencial para o conhecimento das práticas performativas de uma época e contextos específicos, fundamental para historiografia da vida musical dos séculos XX e XXI. No presente, o conhecimento desta discografia (entre outras) é escasso, muitas vezes dentro do próprio meio artístico em causa. É urgente preservar estas fontes históricas, sob pena de que se nada se fizer, correremos o risco de dentro de 3 ou 4 décadas dispersar-se toda esta informação (o que já acontece com fontes de menor circulação ou edições mais antigas), e de qualquer investigador que queira estudar a prática musical do nosso tempo não ter essa possibilidade na sua plenitude.

Como refere Robert Philip, musicólogo que se tem destacado nos estudos sobre discografia e do seu reflexo na vida musical e na prática performativa, “o testemunho que as gravações apresentam é como todos os testemunhos históricos. Precisa de ser examinado criticamente, o seu contexto precisa de ser entendido. Só então poderemos compreender o que são as gravações, o que nos fizeram e como nos encontramos agora em relação a elas”³³.

³³ “The evidence that recordings present is like all other historical evidence. It needs to be examined critically, its context needs to be understood. Only then can we come to see what recordings are, what they have done to us, and where we now stand in relation to them”. Robert Philip: *Performing Music at the Age of recording*, New Haven, Yale University Press, 2004, p. 3.

Torna-se cada vez mais imperativa a criação sistemática de arquivos digitais, reedições comerciais e o fomento ao estudo aprofundado destas fontes de modo a se preservar para o futuro aquilo que se fez no passado, se faz no presente e se fará nesse mesmo futuro que não para de chegar.